

Capítulo IV – O evento pascal, 105

I – Atualização, 105

II – O advento de Cristo, 109

III – A atualização sacramental, 110

IV – A Santa Ceia, 115

V – O evento pascal, 128

VI – A Eucaristia, atualização do mistério pascal, 152

Capítulo V – A mudança eucarística, 166

I – A realidade sacramental: visão panorâmica, 166

II – Os sacramentos nos cristificam, 178

Capítulo VI – Quando dizer é consagrar, 184

I – Precisoões conceituais, 184

II – A Eucaristia, sinal de aliança, 187

III – A Eucaristia, verdadeiro alimento, 190

IV – Recapitulação e verificação, 202

Conclusão – Para uma catequese da Eucaristia, 209

I – Indicações para uma atitude catequética, 210

II – Uma abordagem ecumênica, 211

Outras obras do autor, 213

Índice geral, 217

Prefácio

Inovação e enriquecimento da teologia eucarística

O Concílio Vaticano II, cujos 50 anos acabamos de comemorar, definiu a liturgia como o ápice e a fonte da vida da Igreja. E a comunhão é o coração da participação na missa. Contudo, cada vez menos homens e mulheres ocidentais participam da missa e nela comunicam. São várias as causas desse desinteresse. Muito arguto aquele ou aquela que encontrar o remédio. Uma das múltiplas razões é a parca compreensão daquilo que se realiza na consagração eucarística. A mudança do pão e do vinho é cada vez menos acessível intelectualmente por meio das palavras tradicionais da fé, mas somente pela “fé do carvoeiro”*. Assim, a transformação provocada naquele ou naquela que comunga também fica fora do entendimento. Ela não é mais percebida, por nossos contemporâneos, como vital, inclusive por aqueles e aquelas que continuam a crer no Deus de Jesus Cristo, mas que se tornaram “cristãos não praticantes”.

Façamos uma hipótese. Haveria uma perda progressiva e, no fim das contas, normal da compreensão do que os teólogos medievais chamavam de substância. Essa noção metafísica herdada de Aristóteles foi adotada pelos escolásticos medievais – sobretudo Santo Tomás de Aquino – para dizer algo de sensato acerca deste indizível manifestado no Sacramento da Eucaristia. Assim, esses grandes pensadores ousaram inovar, para limitar o hiper-realismo eucarístico corrente naquela época. Não há nada a reprovar na

* Uma fé simples, não intelectualizada [N.T.].

doutrina da transubstanciação enquanto tal. Ela apenas se tornou inacessível a um pensamento contemporâneo forjado por uma relação completamente diferente com o tempo, o espaço e a matéria (relatividade, física quântica etc.). Assim, o discurso que permitia explicar o mínimo possível o inexplicável se torna, por sua vez, tão difícil quanto aquilo que pretendia esclarecer.

É aqui que Michel Salomolard acrescenta sua pedra ao edifício multissecular da compreensão do mistério eucarístico. Para bem mostrar sua inserção na continuidade da teologia católica tradicional, ele afirma que a relação é a “substância da substância”. Um pouco à maneira dos cientistas, que hoje conseguem “tocar” aquilo que está aquém ou além dos elementos descobertos por aqueles que os precederam, Michel Salomolard questiona sobre o que estaria aquém da “substância”. Assim como outros elementos da criação por vezes mudam totalmente, em tudo o que são em relação com o mundo, também o pão e o vinho são modificados integral e definitivamente. Eles nos colocam numa relação nova e única com Cristo, construindo aqui e agora seu corpo, que também é a assembleia de seus irmãos e irmãs. Viver na fé essa nova capacidade relacional do pão e do vinho, que se tornaram relação com o Cristo, é tão vertiginoso quanto uma modificação da substância do pão e do vinho segundo a teologia escolástica.

Detenhamo-nos um pouco sobre a escolha da relação como chave teológica para enriquecer nossa compreensão do mistério eucarístico. A dimensão relacional do ser humano pode ser percebida por qualquer um, mesmo por quem não fez estudos profundos. Todos a experimentar: não seria necessário dizer “eu existo”, mas “eu sou existido”. Para dizê-lo de outro modo, não há ser sem que seja em relação. Sem o outro, não sou nada. Tanto em filosofia quanto em teologia há uma vertente bastante ampla preocupada em reformular em termos acessíveis ao pensamento e à cultura contemporâneos as “explicações” racionais dos mistérios da fé elaboradas pelos escolásticos da universidade medieval. Para um pregador como Michel Salomolard, trata-se da tradução concreta

de seu ardor pelo anúncio do Evangelho e pela transmissão da tradição cristã para as mulheres e os homens de hoje.

Mas tal desafio não estaria fora de alcance? Com paciência, Michel Salomolard percorre os escritos de teólogos, principalmente alemães, que optaram pela relação como chave de seu pensamento sobre Deus, o ser humano e a criação. Não é o menor de seus méritos abrir aos leitores de língua francesa um livro de Klaus Hemmerle, que quis colocar a relação no coração do divino trinitário, iluminando também a alma com uma nova faceta, ao compreendê-la como a capacidade relacional do ser humano. Se nos dermos o tempo de considerar essas afirmações, constataremos que elas não consistem em pura especulação, mas refletem simplesmente nossa história e nossa vida cotidiana.

Eduquemos nosso olhar. Pensar Deus em termos de relação não é uma novidade, mas a teologia está longe de ter tirado daí todas as consequências possíveis. Os cristãos do Oriente, desde as origens do cristianismo, deram grande importância a essa dimensão relacional em Deus e de Deus com a humanidade. Vários Padres da Igreja nos legaram páginas sublimes sobre esse assunto. No Ocidente, precisaríamos buscá-lo entre os místicos, que foram longe nessa direção. Pensemos, por exemplo, no *Cântico espiritual* de São João da Cruz. Esse poema fora do comum está impregnado dessa relação, pois Deus é amor. Ainda que o comentário que o reformador do Carmelo faz a esse respeito permaneça bastante marcado pela teologia de seu tempo, a liberdade do verbo poético transporta seu leitor ao coração da fé vivida e transcende, assim, os limites do contexto histórico. Mais perto de nós, Santa Teresa de Lisieux ousa afirmar em seu poema *Viver de amor*: “Ó Trindade, sois prisioneira de meu amor”. Essa expressão singular não afirma a fé como uma relação com um Deus que seria relação tanto quanto substância? Muitos outros místicos se adequariam a tal perspectiva.

E o ser humano? Quantos horizontes parecem se desenhar quando a alma humana é pensada como uma capacidade para a relação e não mais como um princípio! Trocamos então um mun-

do de representações estáticas por um mundo em que tudo está em permanente evolução. Tudo o que surge de relacional constrói o novo na humanidade. E cada história humana individual se torna uma história de relações. Tais perspectivas não são abstratas nem estão circunscritas numa especulação intelectual. Elas alcançam experiências possíveis para aquele ou aquela que se engaja na vida espiritual. Haveria aqui muitas explorações teológicas, espirituais e pastorais a realizar, infelizmente muito raras do mundo francófono.

Ao ler esta obra, lembrei-me das palavras de Rabi Nahman de Braslav, um mestre hassídico do final do século XVIII, a respeito da inovação no domínio teológico:

Há mestres rabínicos respeitados por seu conhecimento da Torá. Eles possuem um amplo conhecimento dos textos e das interpretações dadas por seus antecessores. Mas, por esse fato, precisamente, não têm a possibilidade de inovar na Torá, pois são demasiado eruditos. Quando um desses mestres resolve inovar, logo seu gigantesco saber o perturba, o aprisiona; ele começa a formular inúmeras preliminares e a fazer o resumo da síntese de seus conhecimentos sobre o assunto. Por esse fato, suas próprias palavras se embaralham e ele não pode proferir nenhuma palavra nova interessante.

Para dizê-lo de outro modo, e voltando à teologia cristã, é salutar e benéfico para toda a Igreja que alguns empreendam tais inovações para dizer a fé numa cultura que evolua profundamente. É esse o caso hoje, como foi no tempo de Santo Agostinho ou na virada do século XII, marcados por impasses filosóficos e teológicos que exigiam tais ousadias. Uma teologia que não se arriscasse em águas profundas seria estéril, e estaria condenada a se perpetuar sem contato com o mundo exterior. É certo que inovar não dispensa certas aproximações que terão de ser aprofundadas ou mesmo retificadas por debates posteriores. A obra de Michel Salamolard vai nessa direção, o que não invalida a profundidade de sua proposta. Chegou a hora de inovar. A urgência de tais engajamentos é aumentada pelo encolhimento geral da cultura histórica e filosófica no Ocidente. Como fazer para inovar com justeza sem

um domínio dos caminhos percorridos até os dias de hoje? Ora, é somente apoiados nos ombros de nossos mestres dos tempos passados que formularemos soluções inéditas para questões que não se colocavam para eles. Obrigado àquele que também é guia de montanha por nos ajudar assim a subir às alturas.

Prof. Arnaud Join-Lambert

Universidade Católica de Lovaina
28 de agosto de 2012.